

**MIDIATIZAÇÃO, REPRESENTAÇÕES,  
VIOLÊNCIA:  
PARADOXOS DAS EXPERIÊNCIAS LGBT NO  
BRASIL CONTEMPORÂNEO.**

**Miguel Rodrigues de Sousa Netto**

Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia.  
Professor do Curso de História do Campus de Aquidauana da Universidade Federal do  
Mato Grosso do Sul (UFMS).  
e-mail: miguelrodrigues.snetto@gmail.com

SOUSA NETTO, Miguel Rodrigues de. *Midiatização, representações, violência: paradoxos das experiências lgbt no Brasil contemporâneo. albuquerque – revista de história*. vol. 7, n. 13. jan.-jun./2015, p. 122-148.

**Resumo:** No presente artigo busco construir um aspecto que tenho considerado relevante para compreendermos as experiências da população formada por Transgêneros, lésbicas, bissexuais e gays na história recente e presente do Brasil, qual seja, o paradoxo da visibilidade/midiatização e permanência da violência. A escolha nesta oportunidade é por considerar a manutenção da violência em suas diversas formas, a manutenção de redes de sociabilidade e encontros eróticos e a midiatização/representação dos/sobre a população lgbt, apontando, finalmente, para a necessidade de ruptura com a cultura hegemônica heteronormativa e mantenedora do binarismo de gênero.

**Palavras-chave:** Performances de Gênero, Midiatização, Representações.

**Abstract:** In this article I seek to build an aspect that I have considered relevant in order to understand the experiences of the population formed by transgender, lesbians, bisexuals and gays in Brazil's recent and current history, which are, visibility/mediatization paradox and permanency of violence. The choice in this opportunity is to consider maintenance of violence in its various forms, the maintenance of sociability and erotic encounter networks, and the mediatization/representation of/on LGBT population; and finally pointing to the need of a break with the hegemonic and heteronormative culture, the maintainer of gender binarisms.

**Key-words:** Gender Performances, Mediatization, Representations.

O sargento me empurrou. Entre a farda verde e o robe cheio de manchas, o cheiro de suor e perfume adocicado, imprensado no corredor estreito, eu. Isadora cantava *que queres tu de mim que fazes junto a mim se tudo está perdido amor?*. Um ruído seco, ferro contra ferro. A cama com lençóis encardidos, um rolo de papel higiênico sobre o caixote que servia de mesinha-de-cabeceira. (...) Sentei na cama, as mãos nos bolsos. Ele foi chegando muito perto. O volume esticando a calça, bem perto do meu rosto. O cheiro: cigarro, suor, bosta de cavalo. Ele enfiou a mão pela gola da minha camisa, deslizou os dedos, beliscou o mamilo. Estremeci. Gozo, nojo ou medo, não saberia. Os olhos dele se contraíram.

- Tira a roupa.

Caio Fernando Abreu, **Sargento Garcia**.



o ano de 2009 ocorreram, no Brasil, cerca de duzentas e sessenta “paradas” do orgulho lgbt: manifestações que levaram às ruas dezenas, centenas, milhares ou milhões de indivíduos dispostos a se apresentarem como gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros; no ano de 2010, cerca de duzentos eventos similares ocorreram (ao lado de outros 80, entre feiras, seminários, mostras de cinema, teatro, oficinas e jogos)<sup>1</sup>; nos anos seguintes, houve uma queda no número de eventos ou nem todos foram noticiados pela principal rede de movimentos de transgêneros, lésbicas, bissexuais e gays no Brasil, a ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais). No ano em 2011, foram 222 paradas e eventos correlatos e relacionados; em 2012, 138 atividades; no ano de 2013, 129 eventos; 108 em 2014 e, no ano de 2015, apenas 19 eventos desta natureza estão listados no sítio da Associação.<sup>2</sup> A esses aglomerados, necessariamente se juntam os “simpatizantes”,

<sup>1</sup> Eventos registrados no calendário da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transgêneros. Disponível em <http://abglt.org.br/port/paradas2009.php>, consultada em 21/10/2010 e <http://www.abglt.org.br/port/paradas2010.php>, consultada em 15/02/2011.

<sup>2</sup> ABGLT, Paradas e Eventos. 2011-2015. Disponíveis em <http://www.abglt.org.br/port/paradas2011.php>; <http://www.abglt.org.br/port/paradas2012.php>; <http://www.abglt.org.br/port/paradas2013.php>; <http://www.abglt.org.br/port/paradas2014.php#>; <http://www.abglt.org.br/port/paradas2015.php>. Todas as páginas do sítio foram consultadas em 11 de dezembro de 2016.

ausentes das siglas utilizadas pelos movimentos de afirmação lgbt em detrimento daquela tida por “comercial” que ecoou pelos anos 1990, GLS<sup>3</sup>. A parada do orgulho lgbt de São Paulo foi considerada, há uma década, a maior do mundo (é o segundo evento de maior arrecadação para aquela cidade, sendo ultrapassado pelo Grande Prêmio de Fórmula 1, e o segundo que mais atrai turistas, precedido pela Virada Cultural)<sup>4</sup>. Se a Parada do Orgulho de São Paulo chegou a números astronômicos, encolheu com o passar dos anos, sendo ultrapassada em número de participantes pela edição carioca que, em 2016, esperava ter até 700 mil participantes no dia 11 de dezembro.<sup>5</sup>

A edição número 28 da revista *Franquia & Negócios*, de circulação nacional e voltada para o empresariado dos mais variados portes, levou para as bancas, no mês de janeiro de 2010, capa que nomeava “O poderoso mercado gay”<sup>6</sup>. Uma extensa reportagem sobre o *pink money* e seus “consumidores de respeito”<sup>7</sup> aclarava ao empresariado a importância do consumidor gay, sobretudo masculino, salientando suas características: maior grau de escolaridade, salários mais altos, maior consumo no setor de entretenimento, cultura, roupas e lazer; um consumidor exigente e de maior poder aquisitivo. Sem quaisquer dúvidas, um nicho de mercado ainda pouco disputado.<sup>8</sup>

No dia seis de fevereiro de 2000, o adestrador de cães Edson Neris da Silva foi morto com chutes e socos na Praça da República, em São Paulo, atacado por um grupo neo-nazista, os Carecas do ABC.<sup>9</sup> Em 2002 o Grupo Gay da Bahia noticiava serem contabilizados cerca de duzentos assassinatos motivados pela homofobia no Brasil

<sup>3</sup> Sigla usada nos anos 1990, atribuída ao fundador do Festival Mix Brasil de Cinema da Diversidade Sexual, criada para incluir o amplo público que lotou as sessões do primeiro festival, em 1993 (Cf. NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003, p. 180). Bastante utilizada pela mídia naquela década, foi substituída pelas demais siglas (GLBT, GLBTT, GLBTTT ou LGBT) visando ganhos políticos por evitar a ambiguidade do “simpatizante”.

<sup>4</sup> Cf. LAGE, Beatriz (coord. téc.). Indicadores e pesquisas do turismo da cidade de São Paulo. São Paulo: São Paulo Turismo, 2008, p. 53-57; p. 63-67; p. 73-77. Disponível em [http://spturis.com/download/arquivos/indicadores\\_pesquisas\\_spturis\\_2008\\_r.pdf](http://spturis.com/download/arquivos/indicadores_pesquisas_spturis_2008_r.pdf), consultado em 22/10/2010.

<sup>5</sup> COELHO, Henrique. Show da funkeira Ludmila abre a 21ª Parada Gay em Copacabana. **O Globo**. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/show-da-funkeira-ludmila-abre-21-parada-gay-em-copacabana.ghtml>, consultada em 11 de dezembro de 2016.

<sup>6</sup> *Franquia & Negócios*. São Paulo, ABF, Ano 5, nº 28, dez.-jan. de 2010.

<sup>7</sup> VAISBIH, Renato. Consumidores de respeito. *Franquia & Negócios*, op. cit., p. 20-24.

<sup>8</sup> Idem. Um estudo inovador sobre os padrões de consumo dos homossexuais foi publicado pela doutora em Psicologia Adriana Nunan. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Op. cit.

<sup>9</sup> SILVA, Adriana Souza. Skinheads espancam e matam homem em SP. **Folha de S. Paulo**, Cotidiano, 07 de fevereiro de 2000. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0702200007.htm>, consultada em 21/10/2010.

anualmente, o que significa que um gay, lésbica, bissexual, transexual, travesti ou transgênero é morto a cada dois dias em razão de sua orientação afetivo-sexual.<sup>10</sup> Os números têm avançado: um integrante da população lgbt é violentado a cada hora no Brasil;<sup>11</sup> em edição do dia 19 de junho de 2016, o programa dominical da Rede Globo de Televisão Fantástico, exibiu matéria na qual noticiava um integrante da população lgbt assassinado a cada 28 horas.<sup>12</sup> A maior parte destes crimes não encontra solução.

De 1970 até 2015 a principal veiculadora e vendedora de telenovelas brasileira, a Rede Globo de Televisão, exibiu, em pouco mais de 60 produções certa de 130 personagens integrantes da população lgbt,<sup>13</sup> cujas representações passaram pela comédia, pela vilania, pela heteronormatividade e, em alguns casos, rompeu com determinados tabus, como o geracional, a exemplo da trama de 2015 de Gilberto Braga, Ricardo Linhares e João Ximenes Braga, *Babilônia*, em cujo primeiro capítulo as personagens octogenárias Teresa e Estela (vividas por Fernanda Montenegro e Nathália Timberg, respectivamente) se beijavam. Essas informações, assim lançadas, nos levam a uma série de questões, que explico no curso do texto.

## Notícias da margem: sociabilidades, espaços, formas de expressão

Na margem a que foram lançados os homossexuais – ou para onde muitos se dirigiram em fuga – foram criadas estratégias de sobrevivência, laços de solidariedade, como aponta Didier Eribon, ao tratar da importância do êxodo dos homossexuais para os grandes centros urbanos e a criação, ali, de novos laços afetivos, sexuais, sociais.<sup>14</sup> A sociabilidade homoerótica no Brasil foi objeto de importantes estudos, a exemplo daquele

<sup>10</sup> MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo & ALMEIDA, Cláudia. *O crime anti-homossexual no Brasil*. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2002.

<sup>11</sup> MACIEL, Edgar. Correção: a cada hora, um gay sofre violência no Brasil. *Estadão*. Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,correcao-a-cada-hora-um-gay-sofre-violencia-no-brasil,1596098>, consultado em 11 de dezembro de 2016.

<sup>12</sup> FANTÁSTICO. G1. A cada 28 horas, um homossexual é morto no Brasil. Disponível em <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/06/cada-28-horas-um-homossexual-morre-de-forma-violenta-no-brasil.html>, consultado em 11 de dezembro de 2016.

<sup>13</sup> SILVA, Fernanda Nascimento da. *Bicha (nem tão) má: representações da homossexualidade na novela Amor à Vida*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/7112/1/000467545-Texto%2bCompleto-0.pdf>, consultado em 12 de dezembro de 2016.

<sup>14</sup> ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

que foi a tese de doutoramento do brasilianista James Naylor Green, publicado no Brasil em 2000 e que buscava dar conta da homosociabilidade tropical no século XX.<sup>15</sup> Green descreve as praças e parques de São Paulo e Rio de Janeiro no princípio do século passado como principais espaços utilizados pelos homens que buscavam sexo com outros homens. Interessante ressaltar o aspecto público de tais lugares, em detrimento de locais fechados ou mesmo recintos como hotéis ou quartos de aluguel nas zonas boêmias destas cidades, de onde poderiam ser expulsos.

O esforço de João Silvério Trevisan é diferente, uma vez que buscou, em *Devassos no Paraíso*, compreender a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.<sup>16</sup> Trevisan apontou, ainda nos anos 1980, esses mesmos espaços, públicos, como apropriados por homossexuais para suas buscas e mesmo para a realização dos atos sexuais. Uma das possibilidades de interpretação de tal escolha talvez seja justamente o medo da exposição de sua sexualidade. Em uma praça ou parque, é possível lançar-se na escuridão, caso haja batidas policiais ou transeuntes indesejáveis. Assim, a margem, lugar da segregação, é, também, espaço para expressar desejo, amor ou o que mais advier de tais encontros.

Nos anos 1960, encontros entre homossexuais são apresentados naquele que foi um dos pioneiros jornais voltados para o público gay, o *Snob*, dirigido por Agildo Guimarães e que durou até o fim daquela década. Tido comumente de forma depreciativa como “cunismo social”, esse informativo voltado para dois ou



Travestis do show *Divinas Divas*. À direita, Jane di Castro

três bairros cariocas noticiava festas privadas, concursos de miss, de fantasias e fofocas do “mundo das bonecas e bofes” – mesmo que fosse um reduzido mundo de alguns quarteirões. Naquela década e na seguinte, começaram a surgir os primeiros bares e boates voltados para o público homossexual em grandes centros urbanos como os acima citados, ou, estabelecimentos que bem recebiam o público gay.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> GREEN, James Naylor. *Além do carnaval - a homossexualidade no Brasil no século XX*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

<sup>16</sup> TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso - a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3 ed. rev. amp. São Paulo: Record, 2000.

<sup>17</sup> Idem, *ibidem*, p. 283ss; HEE, Carlos. *Trem fantasma*. São Paulo: Mandarim, 2002.





Em sentido horário, a travesti Valéria, a *drag* Laura di Vison, *drag king*, *clubbers* e ursos.

Tais espaços tinham como atrativos, dentre outros artistas, transformistas ou travestis, sendo frequentados por figuras desconhecidas ou iminentes das rodas sociais que buscavam tal entretenimento sob o anonimato da noite. Era o início do funcionamento de espaços comerciais voltados para homossexuais no Brasil. Nos anos 1980, à moda de São Francisco ou Nova Iorque, surgiram saunas destinadas ao público homossexual. Não era mais necessário restringir-se a um beco escuro ou às matas próximas às cidades, e era possível encontrar indivíduos marcados por um desejo parecido, com mais conforto e, mais uma vez, a segurança trazida pelo sexo em lugares frequentados por mais pessoas. O gueto, de uma rua estreita ou praça mal iluminada, passando pela privacidade de apartamentos, chegava ao seu aspecto mais próximo do que temos hoje, o de empreendimentos voltados para o público homossexual, notadamente o masculino.

Nos anos 1990, veríamos espaços pulular pelas mais diversas cidades do país, sobretudo aquelas de médio e grande porte. Atrações surgiram nas casas noturnas GLS e excursionariam o país, participando da construção de uma subcultura gay mais ou menos homogênea nestes grandes centros. Nomes como Laura de Vison, Salete Campari, Dimmy Kieer, Isabelita dos Patins, Kaká di Poly, Paulete Montilla, Nanny People e de outras *drag queens* se tornariam cada vez mais conhecidos de gays, lésbicas e do grande

público, participando também de programas televisivos em grandes redes de comunicação.<sup>18</sup>

Ressalto o campo da diversidade que compõe o homoerotismo e suas representações. Há uma ampla visibilidade iniciada recente, mas exitosamente, no Brasil com as Paradas do Orgulho LGBT. *Drag queens* (homens que se travestem para apresentações, geralmente superlativando os aspectos femininos e/ou usando de humor), *drag kings* (mulheres que, assim como as *drag queens*, se travestem, mas aqui, de homens) *barbies* (homossexuais musculosos, geralmente sem pelos e que usam roupas que corroboram a visão de seu corpo), *gogo boys* (homens que fazem shows de *strip tease*), *clubbers* (grupo urbano que adota roupas coloridas, tatuagens, *piercings* e cabelos inusitados), *bears* (homossexuais gordos e/ou peludos, adotando, geralmente, visual marcadamente masculino), *michês* (prostitutos), *trans* (transexuais – aqueles/aquelas que se percebem como pertencentes ao sexo oposto, seja os/as que passaram por cirurgia de transgenitalização, ou não), *travestis* (que modificam secundariamente seus corpos, mas mantêm sua genitália e convivem em harmonia com esse corpo parcialmente modificado), *cross-dressers* (homens que se vestem com roupas femininas e seus acessórios, não necessariamente homossexuais) e outros tipos tomam as ruas ao som da *dance music* e de palavras de ordem (cada vez mais escassas...).

Tomar as ruas é uma das principais características daquilo que podemos chamar de movimento de afirmação homossexual contemporâneo. O primeiro “evento” do tipo ocorreu quando, em 28 de junho de 1968, homossexuais levantaram-se contra os desmandos da polícia nova-iorquina que davam mais uma batida e tentavam prender os frequentadores gays do bar Stonewall. Naquela oportunidade, gays e travestis se rebelaram e, à medida que se noticiava tal ocorrência, chegavam reforços policiais e também para os revoltosos. Em São Francisco havia também, à época, um *Hallowenn* gay, marcha festiva do mês de outubro.

A partir de 1969, as marchas assumiram um caráter abertamente político por parte da comunidade gay que ambicionava o fim das constantes batidas policiais, da discriminação em seus lares e no trabalho e outras demandas do tipo. Vinte e oito anos separam tal iniciativa nos Estados Unidos da América e no Brasil. Ocorreu que, após poucas edições, a marcha brasileira de São Paulo tomou proporções tamanhas que a levaram ao *Guinness World Records* em 2006, como a maior do mundo.

---

<sup>18</sup> RIBEIRO, Irineu Ramos. **A TV no armário** - a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros. São Paulo: Edições GLS, 2010, especialmente o capítulo “No entretenimento, no humor e na telenovela”, p. 99-124.



Três eixos se mostraram caros aos organizadores das marchas paulistas (em diversas outras cidades do país as marchas vêm crescendo numericamente e, algo comum, tomam para si o tema escolhido em São Paulo): a presença dos homossexuais na sociedade brasileira (*Somos muitos, estamos em todas as profissões*, 1997; *Orgulho gay no Brasil, rumo ao ano 2000*, 1999; *Temos família e orgulho*, 2004), a diversidade (*Celebrando o orgulho de viver a diversidade*, 2000; *Abraçando a diversidade*, 2001; *Educando para a diversidade*, 2002) e, sobretudo, aquele referente aos direitos dos homossexuais e à criminalização da homofobia (*Os direitos de gays, lésbicas e travestis são direitos humanos*, 1998; *Construindo políticas homossexuais*, 2003; *Parceria civil, já. Direitos iguais! Nem mais nem menos*, 2005; *Homofobia é crime! Direitos sexuais são Direitos Humanos*, 2006; *Por um mundo sem racismo, machismo e homofobia*, 2007; *Homofobia mata! Por um Estado laico de fato*, 2008; *Sem homofobia, mais cidadania – pela isonomia dos direitos*, 2009; *Vote Contra a Homofobia: Defenda a Cidadania!*, 2010; *Amai-vos uns aos outros: basta de homofobia!*, 2011; *Homofobia tem cura: educação e criminalização*, 2012; *Para o armário nunca mais – União e conscientização na luta contra a homofobia*, 2013; *País vencedor é país sem homolesbofobia: chega de mortes! Criminalização já!*, 2014; *Eu nasci assim, eu cresci assim, vou ser sempre assim: respeitem-me*, 2015; *Lei de identidade de gênero, já! - Todas as pessoas juntas contra a Transfobia!*, 2016). A visibilidade de lésbicas e transgêneros tem sido objeto de diálogos e disputas, o que tem refletido em temas mais amplos, em alguns anos, com vistas a abarcar estes tantos sujeitos, ou na visibilização de um considerado mais vulnerável, como apresenta o tema da parada do ano de 2016.

O tema da marcha de 2005, *Parceria civil já. Direitos iguais! Nem mais nem menos*, integra-se à discussão iniciada uma década antes por meio da apresentação, pela então deputada federal Marta Suplicy (Partido dos Trabalhadores de São Paulo), do Projeto de Parceria Civil<sup>19</sup> que visava a garantir o direito de união a pessoas do mesmo sexo. O projeto e seus substitutivos<sup>20</sup> não foram votados ainda hoje, dezesseis anos após sua apresentação à Câmara Federal. Tal projeto aparece no Brasil em um momento de transformação dos movimentos de liberação homossexual.

Na passagem dos anos 1970 para a década seguinte, surgiram os primeiros grupos de liberação homossexual brasileiros. O pioneiro Somos: Grupo de Afirmação Homossexual (São Paulo), seguido do Grupo Gay da Bahia (Salvador), Atobá (Cidade), Triângulo Rosa (Cidade), Movimento Gay de Minas (Juiz de Fora) e tantos outros

<sup>19</sup> Projeto de Lei nº 1151, de 1995, de autoria da então deputada federal Marta Suplicy, que se propõe a disciplinar a união civil entre pessoas do mesmo sexo.

<sup>20</sup> Projeto de Lei nº 5.252, de 2001, de autoria do então deputado federal Roberto Jefferson, que propunha disciplinar a Parceria da Solidariedade entre pessoas. Arquivado em 13/03/2008.

assumiam, à época, um discurso marcadamente político e de busca de espaço na sociedade brasileira. Era uma tentativa de romper o espaço marginal e garantir uma qualidade de existência e expressão do amor e do erotismo entre sujeitos do mesmo sexo e de gêneros distintos.

É certo afirmar que o advento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA, mais conhecida pela sigla em língua inglesa, Aids) levaria os movimentos de liberação homossexual para novos rumos, nacional e internacionalmente. Em primeiro lugar, é preciso lembrar que um número imenso de quadros dos movimentos foi acometido da síndrome, levando-os à morte, debilitando, assim, inúmeros grupos.

Em segundo lugar, a Aids foi um dos motivos para um vertiginoso crescimento da homofobia, com base no discurso moral-religioso da punição divina. “Aqueles bichas”, em razão de toda sorte de atos libidinosos mais tolerados a partir dos anos 1960, enfim, sentiam em suas carnes “o peso da mão divina”, esmagando-as. “Aqueles bichas”, continuaram os conservadores, além de sofrerem a devida punição pelo tipo de vida mundana que levavam, mereciam mesmo a morte, sobretudo porque pais e mães de família também eram contaminados a partir de seu sangue. Inúmeros afetados pela Aids morriam à época em quartos insalubres nos fundos das casas de suas famílias ou nas ruas. Diante da epidemia, os grupos já existentes e outros que viriam a seguir, optaram por auxiliar os atingidos, oferecendo-lhes o amparo muitas vezes negado pelas famílias, amantes ou amigos<sup>21</sup>. As disputas políticas de liberação sexual foram deixadas momentaneamente de lado para dar lugar à assistência aos doentes.

A Aids traria ainda uma outra forma de encarar a própria sexualidade. Os contatos com muitos parceiros (sobretudo no que tange aos homens) tornaram-se algo pernicioso, como já o fora pelo discurso heteronormativo de base religiosa e/ou médico-legal. A monogamia dos homossexuais foi introduzida como algo bom em detrimento da promiscuidade, algo ruim. A busca pela estabilidade e fidelidade para garantir a sobrevivência, além do uso de preservativos, aparece com mais força na polifonia homossexual. Assim, quando, em 1995, Marta Suplicy apresenta o Projeto de Parceria Civil junto ao Congresso Nacional, homossexuais ambicionavam tornar-se um casal. As discussões, acaloradas e tendo como partícipes diversos integrantes dos segmentos

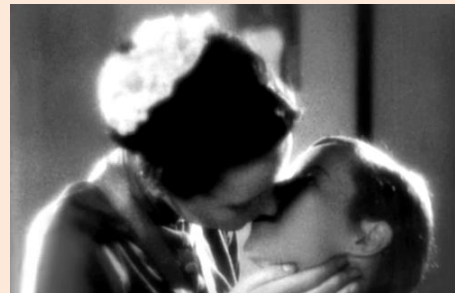
---

<sup>21</sup> Em 1984 a transexual Brenda Lee (Cícero Caetano Leonardo), assassinada em maio de 2000, recebia em sua casa, até então chamada “Palácio das Princesas”, o primeiro portador do HIV. Dois anos depois, seria criada a “Casa de Apoio Brenda Lee”, uma das primeiras instituições fundadas para receber os “doentes sociais” vítimas da Aids - aqueles que já não precisavam da internação hospitalar, rejeitados pela família e amigos, que não tinham mais para onde voltar. Informações disponíveis em <http://www.brendalee.org.br/>, consultado em 16/02/2011.

sociais, sobretudo dos católicos e evangélicos, levaram à ambição da adoção de crianças pelos casais homossexuais, além da garantia dos direitos todos de qualquer indivíduo unido maritalmente a outro, como direitos à pensão, plano de saúde, etc. Os homossexuais pareciam-se, agora, bastante com seus pais, formando famílias nucleares e condenando a prática sexual com muitos parceiros, desordenada, promíscua, suja, feia, doentia e que levava, por vezes, à morte. Estaríamos à beira de uma homonormatividade?

## Representações midiático-culturais

Tipos diversos de homossexuais foram produzidos socialmente e representados/conflituados na literatura, no cinema e na televisão. Certamente, esse último veículo, adotando uma linguagem folhetinesca aderida à cultura brasileira, vem trazendo elementos para o debate nas últimas décadas, compondo, ela também, um imenso caleidoscópio. Se é a televisão tem sido responsável por cristalizar determinados estereótipos, também serviu em algumas outras oportunidades, por trazer algum desconforto à heteronormatividade compulsória aqui reinante, como ainda em 1963, na adaptação do filme *Infância* (1936, 1961)<sup>22</sup> no teleteatro *Calúnia*, no qual as personagens vividas por Vida Alves e Geórgia Gomide protagonizaram o primeiro beijo entre pessoas do mesmo sexo na extinta TV Tupi.<sup>23</sup>



Vida Alves e Geórgia Gomide, *Calúnia*, 1963.

A teledramaturgia brasileira, especialmente aquela produzida pela Rede Globo de Televisão, apresenta, desde os anos 1970, personagens caracterizadas como homossexuais ou destoantes de seu sexo original. O quadro de personagens pode ser

<sup>22</sup> *These three (Infância)*, texto de Lillian Hellman. 1936. Direção: William Wyler. Elenco: Miriam Hopkins (Martha Dobie), Merle Oberon (Karen Wright). *The children's hour (Infância)*, texto de Lillian Hellman. 1961. Direção: William Wyler. Elenco: Audrey Hepburn (Karen Wright), Shirley MacLaine (Martha Dobie).

<sup>23</sup> ALVES, Vida. **Televisão Brasileira: o primeiro beijo e outras curiosidades.** Jundiá: In House, 2014.

iniciado em 1972, com a novela *O bofe*, de Bráulio Pedroso, que trouxe Ziembski na pele da polonesa Stanislaw Grotowska. Era a primeira vez que um homem interpretava uma mulher na programação televisiva brasileira. O mesmo Bráulio Pedroso, dois anos depois, traria uma personagem homossexual (não um homem interpretando uma mulher) para as telas. Ziembski interpretava Conrad Mahler, o rico anfitrião que assassinava Sílvia (interpretada por Bete Mendes), em razão de seus ciúmes pelo protegido Cauê (Buza Ferraz) em *O Rebu*. Em 1973 (telenovela) e entre 1980 e 1984 (minissérie), os telespectadores tiveram contato com o delicado Dirceu Borboleta de *O bem amado*, de Dias Gomes. A personagem, vivida por Emiliano Queiroz, entraria no rol daquelas lembradas através das décadas, sobretudo por sua covardia e submissão, expressos pelos trejeitos e por uma forte gagueira.



Ziembski como Stanislaw Grotowska, em *O Bofe*.

No final daquela década (1977-1978), Janete Clair, em *O astro*, introduzia um efeminado assassino, Henri (José Luis Rodi), parceiro de Felipe Cerqueira (Edwin Luisi) no crime que dava cabo na vida de Salomão Hayalla. Em 1978, Gilberto Braga faria transitar, nas tramas de *Dancing Days*, o mordomo Everaldo (Renato Pedrosa). Era inteligente, efeminado, confiável. Personagens similares seriam interpretados no ano seguinte em *Marron-Glacé*, de Cassiano Gabus Mendes, por Laerte Morrone (o garçom Waldomiro) e Nestor de Montemar (o chefe Pierre Lafond), personagens que garantiam, ao mesmo tempo, comicidade à trama por meio de sua afetação.

O homossexual que se passa por rapaz sensível, delicado para se aproximar de alguma mulher seria artifício utilizado por Janete Clair em *Pai Herói* (1979), ao criar a personagem Gustavo, vivido por Cláudio Cavalcante. No mesmo ano, Lauro César Muniz, em *Os Gigantes*, insinuaria uma relação homoerótica entre a protagonista Paloma (Dina Sfat) e Renata (Lídia Brondi).

Em 1981, Teixeira Filho criaria em *Ciranda de Pedra* a personagem Letícia, vivida por Mônica Torres que, além de ser feminista, demonstrava, em determinadas cenas da novela, não coadunar com a sexualidade heteronormativa. Ali, o homoerotismo estava associado à ideia de transgressão social.

Transgressão da tradição era também o que ambicionava Inácio (Denis Carvalho) em seus conflitos com a conservadora Francisca Newman (Fernanda Montenegro), a mãe que tentava arranjar-lhe um casamento de conveniência e afastá-lo do amigo Sérgio (João Paulo Adour), em *Brilhante* (1981-1982, de Gilberto Braga e Daniel Filho). Inácio queria ser pianista, e não joalheiro. Apesar das imposições da censura, como não utilizar o termo homossexual, Inácio, no fim da trama, é admitido na *Manhattan School of Music* (Manhattan, EUA), para onde vai acompanhado de Sérgio.

Em 1985, *Um Sonho a Mais*, de Lauro César Muniz, traria três homens travestidos



Ney Latorraca como Anabela Freire, em *Um sonho a mais*.

de mulheres, interpretados por Ney Latorraca, Marco Nanini e Antônio Pedro, além de participação da personagem Olga Del Volga, criada pelo performer Patrício Bisso. Problemas com a censura levariam ao quase desaparecimento das personagens da trama, que conduziam ao primeiro beijo

entre homens ao ar: Anabela Freire (Ney Latorraca) e Pedro Ernesto (Carlos Kroeber).

Ainda em 1985, duas novelas mostrariam figuras tidas como gays, mas heterossexuais. João Ligeiro (*Roque Santeiro*, de Dias Gomes), é o irmão de Roque, que busca manter-se casto e, por isso, foge das investidas das mulheres. Daí, ser visto como homossexual (e sofrer por isso). Já em *Ti-ti-ti*, Jacques Leclair (Reginaldo Faria), passava-se por homossexual para criar a imagem-tipo do estilista afetado, mas utilizava também tal criação para aumentar seus casos extraconjugais. Nos anos 1986-1987, em novela de Lauro César Muniz, *Roda de Fogo*, os tipos levemente delicados e inteligentes, porém perversos, voltariam às telas, vividos por Cecil Thiré (Mario Liberato) e Cláudio Cury (Jacinto Donato). Ambos encerram a trama assassinados. No mesmo ano de 1987, *Mandala*, de Dias Gomes, apresentava mais uma vez o homossexual assassino, agora vivido por Carlos Augusto Strazzer (Argemiro). Ele apresenta sua maldade envolta pelo misticismo nas “bruxarias” que faz, mas a materializa em seus assassinatos.

Um assassino, agora bem mais divertido, apareceria naquele ano, vivido por Jorge Lafond, o Bob Bacall, agente da organização ELA, em *Sassaricando* (de Sílvio de Abreu),



personagem bastante afetado, tipo que seria retomado por Lafond em seus demais trabalhos televisivos.

Em 1988-1989, Gilberto Braga apresentaria outros homossexuais em *Vale Tudo*, novela marcada pela crítica social. Ali, foram apresentados de maneira positiva Cecília (Lala Deheinzelin) e sua amante Laís (Cristina Prochaska). Quando da morte de Cecília, a discussão sobre a herança se desencadeia e Laís consegue, ao final manter o patrimônio do casal (uma pousada em Búzios) e um novo amor, Marília (Bia Seidl). Na mesma novela, Marco Aurélio (Reginaldo Faria) expressa seu medo machista de que o filho Tiago (Fábio Vilaverde) fosse gay por ser caracterizado como mais frágil e intelectualizado – ele terminaria a trama namorando uma garota. Ainda em 1988, Débora Duarte interpretou a masculinizada Joana Mendonça de *Bebê a bordo*. No ano seguinte, Ricardo Petraglia viveria Bombom, personagem efeminado de *Pacto de Sangue*<sup>24</sup>

Em 1990, Rogéria interpretaria a travesti Ninete, auxiliar da protagonista que daria nome à obra, *Tieta* (Betty Faria), de Aguinaldo Silva. Tal personagem não causou grande estardalhaço, possivelmente por sua intérprete ser uma conhecida travesti inserida nas artes nacionais.

Inaugurando os anos 1990, em *Mico Preto*, Miguel Falabella e Marcelo Pichi mantinham um relacionamento que, por ser escondido, gerava parte da graça da novela, na pele de José Luis e José Maria, respectivamente. Naquele ano, em *Barriga de Aluguel*, Glória Perez apresentaria, em um dos núcleos secundários da trama, Lulu, personagem exagerado e efeminado vivido por Eri Johnson, frequentador dos treinos de futebol para poder ver seu ídolo, Bebeto.

Dois anos depois, em *Pedra sobre Pedra*, de Aguinaldo Silva, Adamastor (Pedro Paulo Rangel), administrador do bordel local, apaixona-se pelo amigo malandro Carlão (Paulo Betti). No fim da trama, Adamastor encontra o amor nos braços de um desconhecido (figurante com aparição bastante rápida).

Em 1993, Benedito Rui Barbosa inseriu na trama de *Renascer* a personagem Buba, vivida por Maria Luisa Mendonça, uma pseudo-hermafrodita que encerra a trama tendo realizado uma cirurgia corretiva e tornando-se, “uma mulher de verdade”, vivendo seu amor pela personagem de Marco Ricca.

---

<sup>24</sup> PERET, Luiz Eduardo Neves. **Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira**. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Dois anos depois, em *A próxima vítima*, de Sílvio de Abreu, Lui Mendes e André Gonçalves protagonizaram um casal gay jovem. Ali, a ideia do masculino e do feminino, ativo e passivo marcaram a interpretação das personagens nas ruas. André Gonçalves, Sandrinho, com seus cabelos longos, foi espancado nas ruas do Rio de Janeiro por jovens que não aceitavam sua personagem, mas lhes foi dedicado um final feliz no telenovela.

No mesmo ano, *Explode coração* trazia a personagem Sarita Vitty, figura que navegava incertamente entre o travestismo e o transsexualismo, sem importância maior na trama. Em 1997, Lauro César Muniz levou para a trama de *Zazá* Rô-Rô Pedalada (Marcos Breda). No mesmo ano, Manoel Carlos criaria em *Por amor* um bissexual de meia-idade, Rafael, vivido por Odilon Wagner.

Em 1998, Rafaela (Cristiane Torloni) e Leila (Silvia Pfeifer) foram mortas na explosão do *shopping* de *Torre de Babel* (Sílvio de Abreu). Ao que tudo indica, essas personagens foram eliminadas da trama pela antipatia do público em relação a elas. O próprio autor opinou que o fato de serem apresentadas imediatamente como lésbicas (diferentemente de Jefferson e Sandrinho), teria levado a tal desfecho, bem como pelo fato de serem belas mulheres maduras, ricas e que experimentavam sua sexualidade sem traços de culpa.



Sandrinho (André Gonçalves) e Jefferson (Lui Mendes), em *A próxima vítima*.

Em *Suave veneno* (Aguinaldo Silva, 1999), Uálber Cañedo (Diogo Vilela) e Edilberto (Luis Carlos Tourinho) chamaram a atenção do movimento de liberação gay. As agressões (mesmo que cômicas) que Ed sofria foram um dos pontos questionados, bem como o excesso de efeminação das duas personagens. Interessante aqui, imaginarmos que os movimentos de liberação gay também criam suas ideias próprias em relação ao que é “ser homossexual”, divergindo de sua própria diversidade ou de suas representações.

Nos anos 2000, personagens divergentes de seu sexo ou homossexuais, continuaram aparecendo. Antonio Calmon, em *Um anjo caiu do céu* (2001), retoma a figura de Jacques Leclair (*Ti-ti-ti*), para criar Paulinho, ou, Selmo de Windsor (Cássio Gabus Mendes), estilista que se passa por homossexual. No mesmo ano, Sílvio de Abreu, em *A filha da mãe*, cria a personagem transexual Ramón/Ramona (Cláudia Raia), que não chega

a agradar o público. Luiz Eduardo Neves Peret nota que, ao que parece, uma personagem de tal monta não caricatural não tem espaço nos horários consagrados ao humor.<sup>25</sup>

Em 2002, Euclydes Marinho lança para José Wilker (Ariel) e Otávio Muller (Tadeu), o núcleo cômico de *Desejos de mulher*, ambos personagens gays. A caricatura de ambos fez os índices da novela melhorarem bastante.

No ano de 2003, quatro produções apresentaram a questão homossexual. *Mulheres apaixonadas*, de Manoel Carlos, trouxe as estudantes Clara (Aline Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli), namoradas na trama, e Eugênio (Sylvio Meanda), o estereótipo do mordomo efeminado. Em *Kubanacan*, de Carlos Lombardi, personagens travestidos ocasionalmente voltaram às telas, e também Manolo (Luis Guilherme), vivendo o homossexual discreto, refinado, quarentão. *Chocolate com pimenta*, de Walcir Carrasco, trouxe o travestido Kaiky Brito, como o adolescente criado pela mãe como menina, em razão de uma promessa. Bernadete sofreu algumas críticas, mas manteve-se na trama, até seu desfecho, transformando-se em Bernardo.

Em *Celebridade* (Gilberto Braga), Laura Prudente da Costa (Cláudia Abreu), mostra-se ocasionalmente bissexual, envolvendo-se inclusive com Dora Lima (Renata Sorrah, em participação especial). João Emanuel Carneiro, em *Da cor do pecado*, apresenta dois núcleos em que a homossexualidade perpassa personagens. Abelardo (Caio Blat) é o garoto mimado pela mãe e sensível (mas não homossexual). Pai Gaudêncio (Francisco Cuoco) é o guia espiritual de Pai Helinho (Matheus Nachtergaele), é histriônico e parece interessar-se pelo aprendiz Cezinha (Arlindo Lopes).

Em 2005, *Senhora do Destino*, de Aguinaldo Silva, trouxe dentre suas personagens o casal lésbico Leonora (Mylla Christie) e Jenifer (Bárbara Borges), retratadas positivamente e cuja trajetória levaria à adoção de uma criança, e o carnavalesco Uiracy (Luis Henrique Nogueira), bastante efeminado e histriônico. Ainda naquele ano, Glória Perez criaria o homossexual vivido por Bruno Gagliasso, Junior, que terminaria a trama com seu namorado Zeca. Durante a exibição de *América* o tema de um “beijo gay” preencheu



Clara (Aline Moraes) e Rafaela (Paula)

<sup>25</sup> Idem, *ibidem*, p. 45.

especulações da grande mídia; porém, não aconteceu. No mesmo ano, Miguel Magno encenaria na novela *A lua me disse*, escrita por Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa, a simpática Dona Roma, homem que se vestia de mulher durante quase toda a trama. Interessante lembrar que, em uma das tantas reviravoltas do enredo, quando Dona Roma precisou se apresentar a um tribunal e deveria ir vestida como homem, as demais personagens, mesmo curiosas, se ressentiram por vê-la passar por este constrangimento – ser quem intimamente não era. Ali, o falso eram as roupas masculinas.

Em 2006-2007, Manoel Carlos introduziu na trama de *Páginas da Vida* o médico Rubinho (Fernando Eiras) e o músico Marcelo (Thiago Picchi), um casal. Todos os seus amigos sabem do relacionamento de ambos. No final da novela, eles viram pais, adotando o filho da empregada.

Em *Paraíso Tropical*, de Gilberto Braga e Ricardo Linhares (2007), Rodrigo (Carlos Casagrande) e Tiago (Sérgio Abreu) formavam um casal consolidado na novela. Eles moravam juntos e trabalhavam num hotel em Copacabana. Na mesma trama, o homossexual Hugo (Marcelo Laham) inventa um casamento falso com Taís (Alessandra Negrini) para esconder de seus pais o namoro com Felipe (Miguel Kelner).

Em *Duas Caras* (Aguinaldo Silva, 2007-2008), Bernardinho (Thiago Mendonça) sempre foi incompreendido por sua família por suas feições delicadas. Ele mantinha uma relação de amor e ódio com Carlão (Lugui Palhares), que nunca assumia seu interesse definitivo pelo garoto. No final, eles acabam juntos.

Também na novela *A Favorita*, de João Emanuel Carneiro (2008-2009), aparece um homossexual que busca o “enrustimento” por pressões familiares. Orlandinho (Iran Malfitano) era um rapaz confuso. Primeiro apaixonado por Halley (Cauã Reymond), caiu nas graças de Maria do Céu (Deborah Secco) no final da trama. Teve gente que se mostrou contrária ao relacionamento. Já em *Caras e Bocas*, de Walcyr Carrasco (2009-2010), o personagem Cássio (Marco Pigossi) é assumidamente homossexual, um fashionista que se destaca na trama por seus bordões. Ele se relaciona com uma mulher, a personagem Léa, vivida por Maria Zilda Behtlem. A relação é interessante, uma vez que, mesmo sem que haja sexo entre os dois, ele funciona como um companheiro, um “bofe”, mesmo que substituído por outro garoto mais jovem (a personagem feminina é uma mulher mais velha e solitária) no fim da trama.

Em 2010-2011, Maria Adelaide Amaral escreveria o *remake* de Ti-ti-ti, juntando tramas, núcleos e personagens de outras telenovelas, como *Plumas e Paetês*, *Locomotiva* e *Elas por Elas*. Nesta nova versão, além do personagem Jacques Leclair (Alexandre

Borges), que “flerta” com um visual afetado, há os homossexuais Osmar (Gustavo Leão), falecido namorado de Julinho (André Arteché), e Thales (Armando Babaioff), próximo amor de Julinho. A hostilização do filho em razão de sua homossexualidade marca a relação de Gustavo (Leopoldo Pacheco) com seu filho Osmar; Julinho sofre em algumas poucas oportunidades, também por sua orientação homoerótica; ele é, entretanto, uma personagem mais “séria” nessa trama cômica.

Mais recentemente duas produções globais se destacaram pela presença de personagens homossexuais na trama e, sobretudo, pela maneira como tais personagens foram construídas. A mais recente, do ano de 2015, foi a telenovela *Babilônia*, escrita por Gilberto Braga, Ricardo Linhares e João Ximenes Braga, e dirigida por Maria de Médicis e Dennis Carvalho. A trama foi considerada demasiado forte, por trazer temas como homossexualidade na terceira idade, racismo, entre outros, e sofreu pressão por parte da bancada evangélica, que chegou a propor o boicote à produção.<sup>26</sup> Os números comerciais da trama foram muito ruins em relação aos demais produtos do mesmo horário. A outra, anterior, é *Amor à Vida*, exibida entre maio de 2013 e janeiro de 2014, foi escrita por Walcyr Carrasco e dirigida por Wolf Maya e Mauro Mendonça Filho. A trama foi elaborada apresentando um vilão, a “bicha má” Félix, vivido por Mateus Solano, um sujeito duro, capaz de jogar uma criança recém-nascida no lixo para se vingar do amor dedicado a outrem que não ele, casado por conveniência para esconder sua homossexualidade. No curso da trama, entretanto, a personagem foi sendo acrescida de mais comichidade, o que serviu para fazer a transição de um vilão para um mocinho. O que me importa, nesse caso, é algo relativamente simples diante da complexidade da trama: a vilania de Félix esteve associada diretamente à homofobia paterna; o vilão esteve presente para armar tudo o que foi necessário para ocupar um lugar de destaque nos sentimentos do pai viril vivido por Antônio Fagundes. No que se refere à sexualidade, ela foi substituída pelo romantismo, mais cômodo aos olhos da parcela mais conservadora da sociedade.

No que tange às representações das sexualidades ou construções de gênero distintas daquela hegemônica nas telenovelas brasileiras das últimas quatro décadas, há que se fazer algumas considerações. Em primeiro lugar, a bissexualidade pouco aparece,

<sup>26</sup> MOREIRA, Paulo Ricardo. Evangélicos organizam boicote contra ‘Babilônia’. *O dia*. Disponível em <http://odia.ig.com.br/diversao/televisao/2015-03-19/evangelicos-organizam-boicote-contra-babilonia.html>, consultado em 13 de dezembro de 2016. CIMINO, Jaime. Boicote evangélico à “Babilônia” remete à censura da ditadura militar - deputados e senadores pastores criticam folhetins que não seguem sua cartilha moral porque sentem seu poder econômico e político ameaçados. *Lado B*. Disponível em <http://ladobi.uol.com.br/2015/03/boicote-babilonia-novela-evangelicos-autoritarismo/>, consultado em 13 de dezembro de 2016.



podendo contar com Rafael, Laura Prudente da Costa e Dora Lima. Essa invisibilidade está presente nos movimentos de afirmação LGBT, na produção acadêmica e nos espaços LGBT. Os que se fizeram passar por gays, como Gustavo, Jacques Leclair (em duas versões) e Selmo de Windsor, estavam, nas tramas, em situação mais confortável do que aquela das personagens que eram vistas como gays quando, em verdade, não eram, como João Ligeiro, Tiago e Abelardo.

Interessante pensar que os assassinos não foram muitos. Quando apareceram nas telas, o vilão homossexual já caía em desuso, talvez mais caro às décadas anteriores, mas restam os exemplos, como Conrad Mahler, Henri & Felipe, Mario Liberato & Jacinto Donato, Argemiro e o comico Bob Bacall.<sup>27</sup>

Lembre-mos daqueles que homens que viveram mulheres: Stanislawa Grotowska, Dona Roma, Anabela Freire, Florisbela Freire, Clarabela Freire, Olga Del Volga. O travestismo apresentado como elemento gerador do riso *per se* ou levando as personagens para situações cômicas. Outros travestis ou transexuais visitaram as telas, como Buba, Sarita Vitty, Ninete, Rô-Rô Pedalada, Ramón/Ramona, Bernadete/Bernardo. O riso, à exceção da sofredora Buba, manteve-se.

A comicidade das personagens esteve em diversas oportunidades aliada à sua bondade, com gays caracterizados como sensíveis, inteligentes, mordazes em seus comentários, mas, solidários e/ou confiáveis, a exemplo de Waldomiro & Pierre Lafond, Dirceu Borboleta, Everaldo, Bombom, Inácio & Sérgio, José Luís & José Maria, Lulu, Adamastor, Uálber Cañedo & Edilberto, Eugênio, Ariel & Tadeu, Manolo, Pai Gaudêncio, Ubiracy & Turcão, Bernardinho & Carlão, Cássio, Osmar, Julinho & Thales.

Os casais são os mais recentes e, ao que parece, a nova tônica das representações dos homossexuais na televisão: Sandrinho & Jefferson, Junior & Zeca, Rubinho & Marcelo, Rodrigo & Tiago, Hugo & Felipe, ou as lésbicas Cecília & Laís & Marília, Rafaela & Leila, Clara & Rafaela, Leonora & Jenifer. Outras lésbicas seriam vistas, ora insinuadas, como Paloma e Renata, masculinizadas, como Joana Mendonça ou transgressoras, como Letícia.

Se as telenovelas brasileiras foram e são ainda importantes fontes produtoras de ações sociais, outros produtos televisivos ocupam hoje um importante filão de investimento, propaganda e consumo. A grife BB (*Big Brother*), criada por John de Mol e

---

<sup>27</sup> Um número bastante maior de homossexuais assassinos apareceu nas telas de cinema. Ver: RODRIGUES, João Carlos. O homossexual e o cinema brasileiro. *Lampião*, ano I, n.º 11, abril de 1979, p. 15; MORENO, Antônio. *A personagem homossexual no cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: Funarte/Eduff, 2001.

adquirida pela TV Globo, tornou-se o mais lucrativo produto televisivo da última década. Em sua primeira edição, contando com um grupo bastante eclético, trouxe o homossexual (não assumido nas telas) André Gabeu. Sua homossexualidade não foi explorada no programa, mas depois ela apareceu em diversas oportunidades.

Na quinta versão do *Big Brother Brasil*, a Rede Globo de Televisão escolheu como um dos participantes o professor universitário baiano Jean Willis, homossexual assumido e que externou sua orientação afetivo-sexual em uma situação conflituosa do jogo (no qual quatorze participantes buscavam, por meio do voto popular, via telefone ou Internet, o prêmio de um milhão de reais), dizendo-se vítima de homofobia no interior da casa de confinamento.

Jean Willis foi o primeiro homossexual assumido a ganhar o *Big Brother Brasil* e manteve-se razoavelmente inserido na mídia a partir de então, participando de programas de TV Globo, como *Ana Maria Braga*, *Domingão do Faustão* e *Caldeirão do Huck*, além de manter uma coluna na revista mensal voltada para o público gay *GMagazine*. Foi eleito no pleito de 2010 para o cargo de deputado federal (PSOL/RJ), diplomado em 21 de janeiro de 2011, a partir de uma campanha que enfatizava os direitos LGBT.

Três edições depois seria a vez de o psiquiatra mineiro Marcelo Arantes assumir sua homossexualidade no horário nobre da TV nacional, voltando para o armário e, em seguida, dele saindo mais uma vez. Marcelo foi eliminado, mesmo contando com o apoio de *bears* e *cheasers* (gays gordos e peludos e seus admiradores, respectivamente), que o elegeram um novo ídolo a partir de sua aparência (um pouco acima do peso ideal, barba, corpo peludo).

A décima edição do *Big Brother Brasil*, no ano de 2010, trouxe três homossexuais assumidos para as telas. A lésbica mineira Angélica, o jovem paulistano Serginho, com um visual andrógino e afetado, e a *drag queen* Dimmy Kyer, conhecida no programa por seu nome de batismo, Dicesar. Uma parte importante das disputas inerentes ao próprio jogo girava em torno desse pequeno núcleo, chamado “Coloridos”, em uma clara alusão ao arco-íris, símbolo do movimento de liberação LGBT. Porém, ao final da disputa, o homofóbico Marcelo Dourado conseguiu a vitória.

Se as representações e conflitos estéticos produzidos pela televisão brasileira compõem, também, as conversas travadas nas filas das padarias, supermercados, nas mesas dos bares, ou no interior dos movimentos de liberação sexual atuais, outras personagens homoeróticas raramente aparecem nas telas e, hoje, parecem cada vez mais escondidas, mesmo no interior da subcultura gay.

## Do desejo: lugares e “deslugares” de sociabilidades e representações

A literatura dos séculos XVIII e XIX, especialmente aquela representada por Balzac, Gide e Proust, aliada à produção médica do XIX, construíram uma imagem bastante negativa do homossexual, um ser desviado da norma, cuja ação é marcada pela lascívia, inveja, amoralidade, contatos sexuais com um grande número de parceiros.<sup>28</sup> A ideia de promiscuidade fundiu-se, assim, àquela de homossexualidade. Se o contato afetivo e sexual com vários parceiros tornou-se algo comum nos anos 1960 e 1970, com o advento da Aids, essa prática se tornaria perigosa para muitos; daí, tornarem-se, mesmo no meio homossexual, menos frequente, ou, novamente caindo nas sombras.

As casas de banho, casas de vapor ou saunas se popularizam nos Estados Unidos da América nos anos 1970 e figuram como símbolo da liberação sexual homoerótica em cidades como São Francisco. No Brasil, em fins dos anos 1970 e início dos anos 1980, o mesmo aconteceria. Importa-nos ressaltar a importância desses espaços como voltados para encontros eróticos. Elas podem ser encontradas nas mais diversas cidades do país, especialmente nas de médio e grande porte.

Esses estabelecimentos podem comportar de dezenas a centenas de pessoas em um mesmo dia. São, comumente, dotadas de recepção, vestiário onde os frequentadores podem deixar suas roupas e demais pertences, sala de descanso (quase sempre com revistas eróticas e televisores, além de sofás, cadeiras e espreguiçadeiras), bar, as salas destinadas à sauna propriamente dita (a vapor, seca ou ambas), chuveiros e, não raro, salas em que são assistidos vídeos pornográficos, cabines ou quartos individuais e dark rooms, quartos escuros nos quais os frequentadores podem entregar seus corpos sem ver a quem.

São as saunas, assim, espaços de sociabilidade, com clientes assíduos, nos quais e amigos podem se encontrar para bebericar, relaxar e conversar; locais onde se encontram e mantêm amizades restritas àquele recinto, relacionando-se ali algumas vezes por mês, e, certamente, funcionam para que os frequentadores também descubram parceiros sexuais ocasionais.

Podemos afirmar que a maioria desses contatos sexuais se restringe unicamente ao espaço das saunas, sendo que de tais não se desenvolvem relacionamentos duradouros. A variedade de parceiros que podem ser experimentados em uma mesma visita a uma sauna também é elemento importante, uma vez que, sendo diversos, estamos em um

<sup>28</sup> COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício* - estudos sobre o homoerotismo. 3 ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

campo posto na contramão do curso atual do rio, aquele da monogamia e dos relacionamentos estáveis.

Tais estabelecimentos podem se voltar para a comunidade gay local, certamente a maioria deles, mas, também, para os turistas, quando se trata de saunas localizadas em grandes centros que os recebem, a exemplo das capitais do Nordeste, São Paulo e, sobretudo, Rio de Janeiro. Há casos, não raro, em que visualizamos garotos de programa como funcionários fixos destas casas, por vezes destacados dos demais clientes pela utilização de toalhas coloridas, enquanto o cliente comum usa toalha branca. Aqui, lembro que, usualmente, a indumentária padrão das saunas é apenas uma toalha, sem nada mais. E, por vezes, é apenas esta toalha que separa dois ou mais corpos do prazer que podem proporcionar-se.

Cito o informe publicitário encontrado na fachada de uma sauna em Uberlândia, Minas Gerais, cidade de médio porte que conta hoje com cerca de setecentos mil habitantes: “Há oito anos realizando fantasias”. Nessa casa em particular, mesmo que tenha surgido como ambiente exclusivamente gay, muito rapidamente abriu suas portas para travestis (geralmente impedidos de entrar em estabelecimentos congêneres) e mulheres, algo incomum. Mantendo dois shows de sexo explícito por semana, conquistou um filão até então apartado dos ambientes homoeróticos, o dos casais, de tal forma, que se convencionou um “domingo dos casais”, em que pares das cidades da região e mesmo de Uberlândia para lá se dirigem. Ali se encontram, assim como parceiros, sejam eles prostitutas, heterossexuais ou homossexuais, transgredindo, de alguma forma, a heteronormatividade e a monogamia (imposta, sobretudo, às mulheres).

Outro espaço destinado ou apropriado para encontros sexuais são os cinemas que exibem filmes pornográficos. Eles estão na ponta de uma poderosa indústria, representada sobretudo pelas produtoras estadunidenses, que move bilhões de dólares anualmente. Esses cinemas são marcados por um aspecto de decadência bastante comum. São espaços antigos, cujas acomodações serviram, outrora, a casas de exibição comuns, geralmente localizados nos centros (ou antigos centros) das cidades de médio e grande porte.

Estabelecimentos como o *Cinema Orli*, no Rio de Janeiro<sup>29</sup>, *Cine República* e *Cine Saci*, em São Paulo, *Cine Center* em Campo Grande, *Cine It* em Uberlândia, *Cine Áurea*, *Cine Atlas*, *Cine Apolo*, *Privé Vídeos*, *Erótico Vídeos* em Porto Alegre<sup>30</sup>, *Cine Jangada* em Fortaleza<sup>31</sup>, *Cine Santa Maria* em Goiânia e assim por diante, ficaram conhecidos nessas cidades não apenas por oferecerem um tipo específico de entretenimento cinematográfico para seus clientes, mas, também, por se converterem em espaços para encontros eróticos, geralmente entre homens (mesmo que encontremos ali mulheres e travestis) e shows ao vivo.



Cartaz anuncia filmes eróticos no Cine República, São Paulo.

O aspecto decadente que tais cinemas geralmente trazem é um dos motivos para a discrição de seus frequentadores. São, em geral, antigas grandes casas de espetáculo e exibição que, perdendo seu público para outros cinemas mais modernos ou localizados nos *shopping centers*, encontraram um pequeno nicho de mercado. Por outro lado, nos anos 1970 e 1980, eram objeto de constantes batidas policiais que perseguiram os homossexuais que os frequentavam. Tal ação foi objeto de reportagem do primeiro número do jornal *Lampião*<sup>32</sup>, de abril de 1978. Em tais lugares, assim como nas saunas, os corpos (inclusive suas partes comumente cobertas) estão à mostra. Poltronas, banheiros, corredores, *dark rooms*, cabines privativas são tomados por aqueles que querem se entregar ao sexo anônimo e casual. Mesmo no interior da subcultura gay, sublinho, espaços que outrora materializavam a possibilidade de encontros sexuais fortuitos, passam a ser estigmatizados pelos próprios homossexuais, sendo sua frequência muitas vezes negada, como sendo algo menor, sujo, feio, abjeto.

Outros espaços continuam sendo usados para tais encontros sexuais, a exemplo de praças, parques e determinadas ruas nas cidades. Em São Paulo, podemos citar o

<sup>29</sup> Cumpre lembrar a obra de CAPUCHO, Luís. *Cinema Orly*. Rio de Janeiro: Interlúdio, 1999.

<sup>30</sup> BIER, Alexandre Luís Schultz. *Sobre cinemas e vídeo-locadoras pornô, províncias de outros corpos e outros significados*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

<sup>31</sup> VALE, Alexandre Fleming Câmara. *No escurinho do cinema: cenas de um público implícito*. São Paulo/Fortaleza: Annablume/Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

<sup>32</sup> CINEMA ÍRIS: na última sessão, um filme de terror. *Lampião*, ano 1, n.º 0, abril de 1978.



parque Trianon, a rua Aurora; no Rio de Janeiro, o parque do Flamengo, a rua Farne de Amoedo; em Uberlândia o parque Sabiá, a rua Martinésia; em Belo Horizonte, o Horto Municipal, e assim por diante. Essas territorialidades reservadas para a “pegação” do início do século passado foram ampliados, e não esquecidos. Em João Pessoa (Paraíba), os movimentos de liberação homossexual, em negociações com a prefeitura, mantiveram a praia que ladeia um dos maiores e mais caros hotéis da cidade (Tambaú) sem iluminação, sendo a região utilizada por homossexuais para tais encontros. Os guetos, ao que parece, ainda cumprem uma função, seja para aqueles que os procuram, seja para os setores conservadores da sociedade, que mantém ali os desviantes da norma. Há uma gama de outros locais destinados à sociabilidade gay e, ocasionalmente, prestam-se também aos encontros sexuais furtivos, como uma parte das boates voltadas para o público gay. Elas estão espalhadas pelos país. Em alguns casos, tornaram-se franquias, a exemplo da casa noturna *The Week*, fundada em São Paulo e que hoje pode ser visitada em duas outras capitais, Rio de Janeiro e Florianópolis.

As casas noturnas movimentam numerário bastante razoável, empregando muitos (geralmente gays) e recebendo de dezenas a milhares de frequentadores em uma única noite. Majoritariamente, voltam-se para os apreciadores de música eletrônica e, não raro, se tornam febre em função da qualidade da música ou por ser um ambiente “descolado”, moderno, frequentado não apenas por homossexuais, mas, também pelo público heterossexual.

Essas boates oferecem, além da pista de dança e do bar, shows de *drag queens*, bastante populares nos anos 1990, mas que ainda compõem o repertório da maioria das casas, bem como de shows de *gogo boys*, rapazes que fazem *strip-tease*. Esta atração tem sua origem nos anos 1970, quando travestis famosas apresentavam e excursionavam com o famoso espetáculo *Noite dos Leopardos*<sup>33</sup>. Em alguns casos, dispõem, também, de *dark rooms* onde os clientes podem se entregar à prática sexual com os demais frequentadores.

Os bares voltados para o público homossexual permanecem como importante espaço de sociabilidade e encontro. Por outro lado, são frequentes festas organizadas por *promoters* dentro e fora das cidades, geralmente trazendo atrações de outras localidades. Ressalto tal elemento em razão de, ao pensarmos em cidades de pequeno porte, ali a população homossexual dificilmente encontra bares ou boates voltadas especialmente para si.

<sup>33</sup> Famoso show comandado pela travesti Eloina e, posteriormente, por Rogéria, com rapazes de porte atlético, num misto de dança e nudez, realizado na Galeria Alaska (Rio de Janeiro) nos anos 1970/80.

Se nos anos 1960, a imprensa gay era marcadamente voltada para o que chamamos “colunismo social”, cobrindo festas e concursos, fazendo pequenas fofocas, em fins dos anos 1970 e princípio da década seguinte, um veículo com claro teor político seria o primeiro jornal voltado para o público homossexual de circulação nacional, o *Lampião de Esquina*. Sobre tal veículo trataremos mais adiante.

Os anos 1990 viram florescer a revista *Sui Generis*, auto intitulada veículo de “informação e cultura para gays, lésbicas e simpatizantes”. O projeto durou cerca de cinco anos e apontava, à época, para um mercado homossexual que se descortinava naquele momento. Em 1998, a mais longeva revista voltada para gays iniciaria suas atividades, produzida pela Fractal Editora, a *GMagazine*. Diferentemente das mídias antecessoras, essa trazia (e traz) ensaios fotográficos de homens nus e excitados.

Essa revista tornou-se popular não apenas pelo conteúdo erótico, mas porque estampa em suas capas personalidades conhecidas do grande público, a exemplo de participantes de programas televisivos (*Big Brother*, *Casa dos Artistas*, telenovelas, jogadores de futebol, etc.), personalidades, por vezes instantâneas, que conseguem atrair a atenção dos leitores.

Por outro lado, tem mantido relevantes colunas, a exemplo daquela intitulada *Olho no olho*, escrita pelo escritor e militante João Silvério Trevisan (um dos fundadores do *Lampião*), uma coluna destinada às lésbicas, outra aos soropositivos, aos *bears* (ursos) e à família homoerótica, além de trazer reportagens sobre os direitos dos homossexuais e agendas mensais.

## Considerações finais

O que se apresenta, porém, é que estes indivíduos – tão diversos – têm se apresentado cada vez menos disfarçadamente no bojo da sociedade, na medida em que nela se inserem como consumidores. Destarte, poderíamos dizer que os indivíduos homoeroticamente inclinados comprem um bilhete de entrada para o espaço público, esse mesmo, frequentemente confundido com o privado, como é comum ao mercado.

O publicitário Nizan Guanaes, em entrevista para o *Globo Repórter* no ano de 1995, cujo tema era a bissexualidade, dizia: “O que ocorre é que a bicha virou homossexual. Ela agora é um indivíduo digno como eu, como você (o repórter). Os homossexuais

querem ter direito ao mercado”.<sup>34</sup> De direito, talvez os homossexuais tenham encontrado uma obrigação, aquela da inserção pelo consumo.

Ao mesmo tempo em que cada vez mais indivíduos homossexuais apresentam-se ou sentem-se inseridos socialmente, a prática sexual anônima ou sem qualquer vínculo que não o do sexo e com diversos parceiros, tem sido condenada não apenas pelos bastiões da heteronormatividade, mas também por importantes substratos do meio homossexual. Será trataremos, em breve, de uma homonormatividade?

Há um apagamento do outro. Os homossexuais somos veiculados pela mídia cotidianamente, representados em horário nobre, enchendo ruas e praças pelo país. Entretanto, a impressão é de que, como quaisquer outros grupos sociais que não os hegemônicos, somos muito rapidamente incorporados à paisagem; objetos, não indivíduos, borrões. É preciso que o pudor burguês seja ofendido para que haja alguma manifestação. Assim, assassinatos de homossexuais não trazem qualquer sentimento; a ira, porém, vem do beijo, do afago.

A injúria tem constituído tanto a visão que se tem do “outro”, como a visão que este “outro” tem de si, internalizando-a. Assim, em um caso de espancamento na Avenida Paulista, na capital da maior cidade brasileira, o próprio homossexual agredido poderia pensar: “Eu não devia ter dado tanta pinta.”, “Eu deveria ter vestido roupas mais discretas”. Ou outro homossexual poderia pensar isso do espancado. E é um grande esforço de vontade romper com essa cultura opressiva que se instala sobre os indivíduos. Feito esse esforço, é preciso impedir que novamente os grupos hegemônicos consigam internalizá-la nos sujeitos “outros”. Há que se criar, ainda, laços de solidariedade reais. Mesmo que outras representações da população lgbt sejam oferecidas recentemente, positivas, grande parte delas ainda é marcada pelo interdito.

Será que isso basta? Que astúcias, que trampolinagens, criar? A visibilidade não garantiu a ruptura com este esquema. Entretanto, foi um passo dado. Se morremos ou somos violentados, já não é na invisibilidade. Mas o volume abundante de imagens nos torna borrões. Mais uma vez, uma encruzilhada.

---

<sup>34</sup> GLOBO REPÓRTER. Bisssexualidade. Programa exibido pela Rede Globo de Televisão no ano de 1995.

Casais os casais gays são representados na teledramaturgia brasileira. Casais. Onde está a diversidade presente na sigla lgbt e nas práticas dissidentes desta pseudo homonormatividade que se tenta instalar?

É preciso retomar o caráter mais radical e contestador da sexualidade – e, por conseguinte, das homossexualidades, das bissexualidades, das travestilidades, das transgeneridades, das sexualidades divergentes daquela heteronormativa. É preciso fazer ruir os estereótipos e a linguagem que os acompanha: “Para mim, todas essas palavras – puta, lésbica, bicha, sapatão, fancha, pitomba, viado, corno, racha, bofe, foda, caralho, saco, porra – só podem ser minadas por um comportamento libertário esvaziando seu sentido pejorativo e até ofensivo”, escreviam Herbert Daniel e Leila Miccolis no início dos anos 1980.<sup>35</sup> A cultura hegemônica que nos fixa degraus abaixo precisa ser corroída. Entretanto, se é possível atuar nas brechas, construindo uma cultura alternativa, é também possível construir outra cultura, de oposição. Uma cultura que afrente a hegemonia aí instalada por tanto tempo.

---

<sup>35</sup> MÍCCOLIS, Leila & DANIEL, Herbert. *Jacarés e Lobisomens* - dois ensaios sobre a homossexualidade. Rio de Janeiro: Achimé, 1983, p. 79.